

FORMAÇÃO: MOVIMENTO DE GOVERNO E VERDADE

Nadia Regina Baccan Cavamura
Universidade Estadual Paulista - Unesp/Rio Claro
nrbaccan@gmail.com

Tássia Ferreira Tártaro
Universidade Estadual Paulista – Unesp/Rio Claro
tassiatartaro@yahoo.com.br

Resumo:

Este texto apresenta a formação de um professor de Matemática como um movimento do formar-se. Neste texto apresenta uma discussão de natureza teórico-bibliográfica do que entendemos por formar, conceituando uma formação outra aos olhos da Filosofia da Diferença, o que implicará em nos voltarmos para conceitos como potência, verdade, coragem da verdade, autonomia e governo, entre outros, para fazer ver que ser professor de si mesmo é um movimento de potencialidades, é um formar-se na própria vida, é a construção de um sujeito capaz de governar-se e governar com verdade, sem esperar que o outro lhe diga ou ordene o que fazer. É dessa forma que desenvolvemos esse texto, de maneira a convidar a uma discussão, juntamente com Foucault, Deleuze e Guatarri e Nietzsche sobre como sujeitos tem se tornado professores de Matemática a partir de um curso de Licenciatura.

Palavras-chave: Formação; Verdade; Governo; Educação Matemática.

A verdade é aquilo que todo o homem precisa para viver e que ele não pode obter nem adquirir de ninguém. Todo o homem deve extrai-la sempre nova do seu próprio íntimo, caso contrário ele arruína-se.

Franz Kafka, in '*Conversas com Kafka*'

Segundo Foucault, “[...] o objetivo primordial da escola grega de filosofia não consistia na elaboração e no ensino de uma teoria” (1993, p.208), mas proporcionar uma formação ao sujeito “que lhe permitisse viver diversamente, melhor” (1993, p.208). Então surge aqui um modo de olhar os escritos de Michel Foucault como uma ferramenta filosófica de pensar a formação de professores, os cursos de Licenciatura em geral, e mais especificamente os de Licenciatura em Matemática, área na qual decidimos pertencer.

Com olhar neste plano de fundo, propomos neste trabalho uma discussão de natureza teórico-bibliográfica do que entendemos por formar, conceituando uma formação outra aos olhos da Filosofia da Diferença, o que implicará em nos voltarmos para os conceitos de potência, de verdade, de coragem da verdade, de autonomia e governo, entre outros, para fazer ver que ser professor é um movimento de potencialidades, é um formar-se na própria

vida, é a construção de um sujeito capaz de governar-se e governar com verdade, sem esperar que o outro lhe diga ou ordene o que fazer. É dessa forma que procuraremos desenvolver esse texto, proporcionando uma discussão sobre formação dentro do curso de Licenciatura em Matemática.

Mas falar de formação de professores não é algo simples, nem tranquilo, pois sabemos que nesse mar há ondas batendo por todos os lados, fortes e mansas, altas e baixas, mas surfar é preciso. Resistir também. Conforme o poema de Lara de Lemos, *Da Resistência*, buscamos mostrar a nossa verdade em busca de suscitar outras. Ela diz:

Cantarei versos de pedras.

*Não quero palavras débeis
para falar do combate.
Só peço palavras duras,
uma linguagem que queime.*

*Pretendo a verdade pura:
a faca que dilacere,
o tiro que nos perfure,
o raio que nos arrase.*

*Prefiro o punhal ou foice
às palavras arredias.
Não darei a outra face.*

Tal como coloca Foucault (2014, p.7), a nós não nos interessa provar alguma coisa, opor o verdadeiro ao falso ou refutá-lo, mas o objetivo é “fazer surgir o próprio verdadeiro, contra o fundo do desconhecido, contra o fundo do oculto, contra o fundo do invisível, contra o fundo do imprevisível”, deslocando o tema poder-saber para os conceitos de governo e verdade, dentro do campo teórico de Michel Foucault.

Mas por quê envolver os conceitos propostos com formação de professores e cursos de Licenciatura em Matemática em um encontro de Educação Matemática? Pois nós professores somos um ponto de visibilidade dentro do processo de educação formal e sobre nós quase sempre recai culpas e responsabilidades sobre sucessos ou fracassos envolvidos. Isso seja talvez porque, “O ponto de contato do modo como os indivíduos são manipulados e conhecidos por outros encontra-se ligado ao modo como se conduzem e se conhecem a si próprios. Pode chamar-se a isto o governo” (FOUCAULT, 1993, p.207). Portanto, a noção de

governo está diretamente implicada na vida de todos, a todo momento, por isso a importância em fazer visível o não oculto, em olhar para o como estamos, ou não, nos governando.

Foucault nos mostra que, transversalmente à formação de um sujeito autônomo através da prática do cuidado de si e do governo de si, nos conduzimos à coragem da verdade em nossa relação com o outro. E

[...] o objetivo do treino filosófico é armar o indivíduo com um certo número de preceitos que lhe permitem conduzir-se a si próprio em todas as circunstâncias da vida sem perder o domínio de si próprio ou a tranquilidade de espírito, a pureza do corpo ou da alma, e assim por diante. (FOUCAULT, 1993, p.208)

O cuidado de si é um conjunto de práticas segundo as quais “o sujeito se constitui enquanto sujeito de seus atos” (FOUCAULT, 1984, p.47) sem a necessidade de códigos e leis, sociais e morais. A finalidade das técnicas do eu no cuidado de si é, segundo Foucault (1993, p.213), “dar força à verdade no indivíduo” e constituir um sujeito como “unidade ideal da vontade e da verdade”. Essas práticas de si, o “ocupar-se de si próprio”, ou a “arte da existência” é um tema que remonta à cultura Grega, onde Sócrates aconselhava aos seus discípulos que antes de cuidar das suas riquezas e de sua honra, deveriam cuidar deles próprios e da sua alma.

Para a conquista da autonomia, o sujeito, em seu plano de imanência, reconhece as linhas de força, de subjetivação, que o tem como mira, ou seja, o sujeito precisa se conhecer a fim de decidir quais forças permite que o atravessem e quais forças não permite que o atravessem, para então poder invertê-las, envergá-las, e nesses fluxos de vida passa a conhecer a vontade de potência e de poder que o formam, podendo agarrar aquelas que o move - as quais deseja - e afastar as demais - que o separa da trilha dos seus desejos. Dessa forma, pode-se perceber que o cuidado de si é um movimento que se constrói no devir, é ação a cada momento, não somente um princípio, mas prática constante.

Esse sujeito, autônomo pela prática do conhecimento e do cuidado de si, tem a potencialidade do governo de si e, portanto, dos outros, sem imposições tirânicas ou como mero espectador ou seguidor da manada. Ou seja, o sujeito autônomo torna-se responsável pelo governo de si e por isso, pode governar os outros. É o viver com, construir com, formar com o outro. Nesse contexto, discutir a formação de um professor de Matemática toma um novo sentido e olhar.

A autonomia nos abre possibilidades, pois “ao poder sobre a vida responde a potência da vida” (PELBART, 2010, p.26), ou seja, quando se percebe que se pode, a vida se mostra indomesticável, invencível pois a sua potência é imanente e coextensiva ao poder. A potência nos mantém com força de resistência, nas nossas lutas cotidianas, moleculares.

Sabemos que formar-se não pressupõe imediatamente um curso de Licenciatura em Matemática, mas no que diz respeito a tornar-se professor de Matemática, passa por ele. Em outras palavras, o formar-se se dá entre estratos e são diversos os estratos que transitamos enquanto estamos nos formando, por exemplo, a escola, a família, os amigos, a cerveja no bar, o jogo de futebol, entre outros. Cada estrato contém suas normas e regras definidas, seus caminhos traçados e regimentados. Desta forma, como conseguir resistir a forças que desejam nos submeter a elas? Como conseguir este formar-se em meio a estratos que tem o objetivo de nos formar?

Outro importante filósofo, Gilles Deleuze, coloca que “Só a força ativa se afirma, ela afirma sua diferença, faz de sua diferença um objeto de gozo e de afirmação”. (DELEUZE, 1962/1976, p. 45 apud PELBART, nota de rodapé 17, p.33). Dessa forma, se apenas a força ativa é capaz de fazer diferença e afirmar um formar-se, então é necessária uma busca constante pela criação destas forças. Tal força pode ser capaz de fornecer a possibilidade de criação de linhas de fuga capazes de desestabilizar, nem que por um instante, as linhas de força que pretendem nos formar.

Se advogamos a necessidade da autonomia e do governo de si na formação de professores é porque assumimos que para estar professor é preciso tomar posse de si e de suas verdades. Buscamos um texto que afirma uma verdade dentro de um curso que pretende formar professores.

São vários os cursos que prometem a formação docente. Os cursos de Licenciatura em Matemática contêm regras e ementas que garantem, no início, que ao findar três ou quatro anos, seus alunos estarão aptos a ganhar um diploma que viabilize a eles tal prática. Tudo aqui se trata de quais caminhos um sujeito precisa trilhar para chegar ao diploma. No entanto, o que temos observado é que este mesmo curso que promete conseguir formar o outro fracassa diariamente, pois estamos vendo crescer o número de mestrados profissionais, cujo objetivo é melhorar a formação docente fornecendo ao professor mais Matemática, sob a perspectiva de que não foram bem formados em suas respectivas graduações.

Logo, parece que, para salvar a pele de um aparelho de Estado que tem o objetivo de conseguir seguidores de regras estabelecidas, nossos cursos de licenciatura acreditam que, para ser um professor de Matemática, basta que saibamos alguns métodos educacionais, alguns conteúdos e regras Matemáticas e ele, Estado, terá desempenhado seu papel de formar os professores. Devemos elucidar que não acreditamos que aportes matemáticos e pedagógicos são suficientes à formação docente, tampouco acreditamos que tal formação se dê exclusivamente no plano de instituições que regimentam tal formação. Acreditamos que é necessário combater linhas de forças que desejam nos submeter a determinadas regras que não foram criadas por nós mesmos. É preciso um conhecer-se que pressupõe um governar-se e um cuidar-se.

É fato que este texto já no seu título suscita três conceitos: formação, governo e verdade. Fazemos isso pois queremos discutir possibilidades outras de formação. No entanto, porque discutir verdade? Qual a importância da verdade em um contexto de formar-se com o intuito de um governo de si e dos outros?

Falamos de uma verdade, mas isso não pressupõe que buscamos um valor de verdade. Não existe para nós um valor universal que rege a verdade em si. O que existe são verdades. Ou seja, longe dos moldes universais do qual a verdade há tempos foi construída. O que existe são práticas de verdade e “o eu tem de ser constituído através da força da verdade”, conforme Foucault (1993, p.213) nos apresenta. Este movimento de formar-se sugere uma *parresia* - o dizer a verdade a si mesmo.

Esta verdade não é algo que se encontra oculto por detrás ou sob a consciência na parte mais profunda e obscura da alma. É algo que se encontra em frente do indivíduo como ponto de atração, uma espécie de pólo magnético que o impele em direção a um objetivo. Esta verdade não se obtém por meio de uma exploração analítica daquilo que se supõe ser real no indivíduo. Esta verdade é obtida pela retórica e pela explanação. (FOUCAULT, 1993, p.212)

Conforme Foucault (2011), observar a *parresia* do dizer a verdade a si é olhar para as condições, formas e tipos de atos que o sujeito dizendo a verdade manifesta. Em outras palavras, de que forma o sujeito, ao dizer a verdade, é reconhecido e representa a si mesmo pelos outros como dizendo a verdade. Não se trata de analisar quais as formas do discurso, tais como ele se reconhece como verdadeiro. Ou seja, a verdade é uma prática individual do sujeito.

A verdade é uma prática que se entrelaça no governo de si na medida em que se pode reconhecer a verdade do outro a partir das formas com que este outro se governa. “A parresia é, portanto, o “dizer tudo”, mas indexado à verdade: dizer tudo da verdade, não ocultar nada da verdade, dizer a verdade sem mascará-la com quem quer que seja.”. (FOUCAULT, 2011, p. 11, grifos do autor).

No entanto, qual é o risco que se corre ao propor falar a verdade? Não existe apenas um risco ao dizer a verdade, mas são vários os riscos que enfrentamos quando decidimos por praticar a verdade. É justamente nestes riscos que a verdade se faz necessária no movimento de formar-se.

Se estamos sempre em meio a instituições, ou seja, se nos constituímos entre linhas molares que formam estratos múltiplos de formação, então, uma prática de dizer a verdade pode se tornar uma arma contra as formas de regulamentação que ousam a todo momento nos constituir. Ou seja, estamos situados seja quando nos formam, seja ao nos formar em um jogo.

Para Foucault (2009), estamos inseridos dentro de um jogo de verdade. Para este autor, existe um jogo de verdade na ordem do saber e do poder. Mas também existe um jogo de verdade na relação de si consigo mesmo em meio à constituição de si como sujeito. Não estamos entendendo jogo no sentido de imitar, mas sim há um jogo de verdade na medida em que nos apropriamos de um conjunto de procedimentos que conduzem a um determinado resultado.

Ao acreditarmos que para formar-se é necessário um jogo de verdade consigo mesmo, é porque tal movimento é antes de tudo uma guerrilha. Todo combate é antes um jogo. Mas não combatemos apenas forças exteriores a nós mesmos, há um combate que deve ser feito dentro de nós primeiramente. Um combate contra as linhas de força que faz de nós sujeitos submissos. Não há autonomia na submissão. Deleuze (1997) cria uma máquina de guerra contra um aparelho de estado que insiste em enquadrar movimentos singulares. Para ele, o Aparelho de Estado apropria os espaços e regulamentam a seu bel prazer. Nada há de criador em um Aparelho de Estado. O que este autor procura é os espaços lisos que se pode criar em determinado território. Mas criar espaços lisos é um movimento de guerra.

Nossos cursos de Licenciatura em Matemática são aparelhos de Estado que tem o objetivo de formatar um professor. Neste sistema não existe nenhuma intenção de abrir espaços para um formar-se a partir de práticas de verdades que levem a um governo de si e

dos outros. Logo, a questão é se não nos são dadas condições para um formar-se, então as criamos para nós. Neste caso, a guerrilha se faz necessária, pois é nas brechas entre o sistema que poderemos nos constituir e não sermos constituídos.

Voltando à nossa questão inicial, que tem como objetivo trabalhar os conceitos de governo e verdade olhando os cursos de formação de professores, nos perguntamos, junto com Michel Foucault (2014, p. 6): “[...] como seria possível, governar sem conhecer o que se governa, sem conhecer os que são governados e sem conhecer o meio de governar tanto esses homens como essas coisas?”

Não seria possível governar. Por conta disso, o primeiro governo é o governo de si. É preciso conhecer-se, cuidar-se para após isso governar a si e aos outros. Governar os outros não implica organizar, regulamentar ou exercer poderes verticais para determinado fim específico. Enquanto professores de Matemática, podemos assumir que nossa função é apenas específica, portanto, nosso papel seria entrar em um espaço e fornecer as regras Matemáticas que os currículos nos impõem. Mas e se tal prática não se resumir a isso? Então nossos alunos precisam enxergar em nossos discursos, mais do que palavras soltas ao vento. Precisam ver que o nosso dizer a verdade está relacionado com nossa prática de verdade.

A noção de governo em Foucault se entrecruza com a história da ética, ou seja, com as formas de subjetivação. “Essas práticas de subjetivação, é necessário precisá-lo, são também formas de objetivação, isto é, dos modos em que o sujeito foi objeto de saber e poder, para si mesmo e para os outros” (FOUCAULT, 2009, p. 189). Sendo assim, a noção de governo em Foucault se desenvolve a partir de um governo como relação entre sujeitos e consigo mesmo. Desta forma, governar é um conjunto de ações sobre ações possíveis.

Assim, podemos, enquanto professores, que governam a si mesmo incitar, induzir. Conduzir condutas. Conforme Foucault (2011) nos apresenta, o jogo da parresia, do falar franco pressupõe o outro, como já foi colocado, e esse outro que diz coisas verdadeiras em busca do progresso do outro, que se nega a esconder a verdade, mesmo que esta seja dura e difícil, em busca de sua ascensão à autonomia e ao seu governo pessoal, pode ser o professor.

Para Nietzsche (2012) a função do mestre é ter “asas” e “freio”, pois a ele cabe dar condições para que o outro se eleve, mas também precisa conter seus ímpetos e arroubos da imaturidade. Desta forma, a sua primeira tarefa seria colocar seus alunos em guarda contra si

mesmos. Assim, um professor será um verdadeiro guia, quando estiver suficientemente formado e consciente de sua própria experiência singular.

Por fim, acreditamos que, no que diz respeito a nossos cursos de licenciatura em Matemática, podemos enquanto sujeitos pertencentes a um dispositivo formativo, encontrar um meio de nos afirmar enquanto senhores de nossa vida. Desta forma, enquanto professores-guias de formação estaremos produzindo caminhos singulares que podem abrir brechas para uma educação outra. Vislumbremos um professor-guia, fazendo uma analogia ao cão guia, que trabalha buscando os possíveis caminhos procurando ajudar a formação de outro. Ou mesmo a figura de um maestro que conhecendo seu papel, rege seus músicos numa sinfonia bela e grandiosa. Como colocamos no início, o objetivo da nossa formação, da nossa constituição como sujeito e até como sujeito professor de Matemática pode ser, nessa perspectiva “conferir ao seu ser uma qualidade que lhe permitisse viver diversamente, melhor, de maneira mais feliz que outras pessoas”, tal qual nos apresenta Foucault (1993, p. 208), como uma obra de arte.

Buscar caminhos outros não implica definir caminhos. Nossa função é tatear, desviar e induzir o outro à formação. Inspirar o outro pelas nossas práticas de verdade a formar-se.

Bibliografia

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs Vol. 5*. Rio de Janeiro: Editora, v. 34, 1997.

CASTRO, E. *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*. Autêntica, 2009.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
_____. Verdade e subjetividade (Howison Lectures). *Revista de Comunicação e linguagem*. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

_____. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1979-1980)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

LEMOS, L de. *Inventário do medo*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1997.

NIETZSCHE, F. *Escritos sobre educação*. Edições Loyola, 2003.

PELBART, P. P. Do niilismo à Biopolítica; In *Subjetividade Contemporânea: desafios teóricos e metodológicos*; Lima, E. A.; Neto, J. L. F; Aragon, L. E. (organizadores). Curitiba: Editora CRV, 2010. p. 25-40.

